

## HISTÓRIA NÃO-OFICIAL

Leonor Scliar Cabral

UFSC

A história não-oficial de qualquer acontecimento revela às vezes a parte mais interessante, aquela que possibilita explicar de uma forma mais profunda a gênese deste mesmo acontecimento e seus fatores determinantes.

Infelizmente, só recentemente os historiadores têm-se preocupado em revelar este lado obscuro, não registrado pelos cronistas oficiais, recorrendo aos depoimentos muitas vezes anônimos dos que participaram do desenrolar diuturno destes acontecimentos.

A iniciativa do Irmão Elvo Clemente em colher o depoimento dos fundadores da revista *Letras de Hoje*, ao comemorar seus 20 anos de regular e ininterrupta publicação, se insere neste tipo de preocupações.

Com efeito, éramos... três pessoas, movidas pelo ideal quixotesco de editar uma revista literária, no ano de 1967: Irmão Elvo Clemente, Plínio Cabral e eu (como foi o ideal quixotesco, então, de organizar a pós-graduação em lingüística, logo em seguida: mas o que seria do mundo sem os sonhadores?).

O projeto tinha em mente editar uma revista que, não apenas refletisse as produções do curso de letras da PUCRS, mas também as da comunidade gaúcha e de outros centros.

O objetivo foi plenamente alcançado e ultrapassado: após o desdobramento do programa de mestrado em lingüística e nos estudos literários, a revista passou a ser o porta-voz de interessantes debates no campo da lingüística teórica e aplicada e da teoria literária, refletindo as linhas de pesquisa predominantes, tais como as que se referem à aquisição da linguagem, à apropriação do sistema escrito, à literatura infanto-juvenil e à lingüística aplicada ao

ensino do português como primeira língua, para citar alguns tópicos.

Mas, voltando àqueles primeiros momentos que marcaram o início da revista *Letras de Hoje*, após a resolução de editar a revista, restava um ponto capital: quem financiaria? Foi graças à vinculação de Plínio Cabral com a publicidade e, particularmente, com a Springer Admiral, na figura admirável de Paulo Vellinho, que foi possível obter um patrocinador, numa época em que não existiam os benefícios fiscais advindos de tais gestos.

Fez-se assim a recolha do material do primeiro número, cabendo a mim a revisão dos originais (espero que os bibliófilos curiosos não encontrem muitos cochilos nem gralhas que, de qualquer modo, poderão ser atribuídos ao linotipista, numa época anterior ao offset...).

Saiu, assim, o primeiro número, em outubro de 1967, com artigos do Irmão Elvo Clemente, do Irmão Dionísio F. Alvarez, do Augustinus Staub, um meu, outro de Sérgio Ribeiro da Rosa, crônicas de Plínio Cabral, poemas de Raquel Yantornio de Elena, Oscar Bertholdo, Carlos Saldanha Legendre, Armino Trevisan, Carlos Nejar, umas resenhas muito acanhadas, diga-se de passagem, e um artigo de João Batista Camilotto.

A capa ainda não estava uniformizada, tal como passou a ocorrer mais adiante e trazia uma bela gravura de Leo Dexheimer, sobre fragmentos das ruínas de São Miguel.

Conforme se pode verificar, neste primeiro número predominou a prata da casa, pois não faltaram as vozes agoureiras vaticinando o fracasso do empreendimento, às quais basta responder com os vinte anos de uma das raras revistas literárias e de lingüística (de lingüística é a única no Brasil) que manteve a regularidade de suas edições, melhorando o padrão de qualidade de seus números.